

Prefácio de Sergio Sacco

- amigo, admirador, companheiro de aventuras eletrônicas e musicais, que reencontrou Cláudio depois de longa ausência e da Obra já terminada.

Sob o calor de fevereiro em Rio das Ostras; sentados na cozinha da casa do Cláudio César; tomando um delicioso kefir geladinho preparado por Giza; minha mulher Liz e eu ouvíamos atentos o autor narrar como surgiu a idéia de escrever Géa.

Cláudio contou sobre a teoria que apresentou na juventude aos colegas de curso científico, da qual nenhum entendeu nada.

Eu já estava terminando de ler o Livro Primeiro de Géa e achei que deveria ter sabido daquilo antes de começar.

A Liz, que adora leitura boa, inda não se entusiasmara com Géa e nem a iniciava, porque desconhecia o assunto da história.

A conversa foi pela tarde afora e já era noite quando resolvemos sair para tomar um café expresso na Praia do Centro e esticar o assunto com a Giza e a Liz.

Saindo pela cozinha de sua morada, o autor nos apontou secretamente a posição do sol Rá, orbitado pelo planeta Géa, no límpido céu noturno, cujas estrelas porém se ofuscavam pelas luzes distantes de Macaé sobre o mar, de Rio das Ostras no horizonte oposto e das muitas moradias próximas.

Estava difícil distinguir o ponto exato apontado por ele no céu.

Repentinamente as luzes das cidades, das casas, da escola no vale, da igreja lá embaixo, das ruas; todas elas se apagaram... e as estrelas apareceram brilhantes sobre nós, *para que* o Cláudio melhor indicasse e enxergássemos com perfeição o lugar exato onde se situa Géa.

Foi um momento mágico, durou apenas poucos minutos, mas talvez *tivesse* de acontecer num reencontro feito o nosso - classifique cada qual como preferir; pelo misticismo, a ufologia, a mera coincidência, ou mesmo um poder até mais secreto que a posição de Géa.

O Cláudio achou graça mas continuou falando, sem perder o ritmo. A Giza ficou muda. A Liz perdeu o fôlego e me fitou com olhos arregalados, qual se eu soubesse *como* ele tinha feito aquilo. Eu só disfarcei o espanto e fingi que estava achando tudo normal. Depois demos boas risadas.

Terminamos a noite num barzinho com música ao vivo, quando Cláudio nos lembrou daquela sua teoria, onde as combinações de partículas têm número finito e tendem a se repetir na Natureza. Em escala maior, até grandes conjuntos de situações também se repetiriam; como, por exemplo, pessoas, países e planetas. Isso ele explicou melhor na nossa conversação e garante estar “remelhor” no texto da obra.

Géa seria um planeta similar à Terra, mas apenas quase igual - com continentes, países e pessoas quase iguais a nós. Essa abordagem vale mais, na minha perspectiva, que todo o resto exposto no site do autor.

O planeta Géa tem quase a mesma dimensão física da Terra, localização possível de os terráqueos descobrirem, mas com diferenças interessantes.

Além de planeta, Géa é o nome da essência viva e consciente do Universo; junto com Géó, sua imagem masculina, desempenha parte importante nessa saga fantástica.

A obra Géa é a história da vida dessas pessoas e desses lugares, que teria similaridades e diferenças, comparada a nossa própria história.

Por esse motivo, entendo eu, o autor afirma, pela boca de suas personagens, no prefácio de Clausar, Gia e Rá, que “esta é a *sua* história”, referindo-se a quem lê.

Era isso o que eu não entendera, e essa explicação esclareceu-me de imediato.

O efeito foi fulminante. Ficamos, Liz e eu, irremediavelmente cativados pela história, feito crianças encantadas pela magia das aventuras contadas pelos pais antes de dormir.

Só imaginar que poderíamos descobrir alguém similar a nós, saber-lhe da vida e contar a nossa, já é uma aventura e tanto.

A história de Clausar é parecida com a do autor.

A vida do autor é também uma aventura e tanto; e essa forma de expô-la é que torna a obra Géa tão original, pois nos envolve diretamente com a possibilidade da nossa própria história estar sendo vivida por um sócia nalgum lugar desse Universo fantástico.

Sergio Sacco

Nota de CCDB sobre o prefácio de Sergio Sacco

Além daquelas qualificações amigas antepostas ao prefácio, dadas

modestamente por ele próprio, faço questão de acrescentar: um gigante em todos os sentidos, com seu metro e noventa e seis centímetros de corpo físico, e ainda mais alta genialidade, Sergio Sacco é engenheiro eletrônico de áudio, vídeo e hardware de computadores; analista de sistemas; empresário e consultor em recursos tecnológicos; fotógrafo; bioquímico amador e culinária exótico.

Sergio Sacco nasceu em 1950, na Rua Tucuna, a poucos quarteirões da minha casa, a qual ficava na rua Venâncio Aires, bairro de Vila Pompéia, cidade de São Paulo.

Ainda jovem radioamador, Sergio Sacco publicou seu primeiro projeto de eletrônica em 1967, na revista Eletrônica Popular e, em 1968, na Revista Monitor de Rádio e Televisão.

Trabalhou em meu ateliê, no qual desambiciosamente afirma ter aprendido tudo sobre guitarras e onde participou do projeto e desenvolvimento de amplificadores, distorcedores, pedais, captadores e mixers, até ingressar na IBM como Instrutor de Manutenção de Hardware de Mainframes e Teleprocessamento, em 1971.

Hoje Sergio Sacco presta Consultoria em Recursos Tecnológicos para empresas privadas e Instituições não-governamentais.

Segunda Nota de CCDB

Nem Sergião nem eu; não nos esquecemos, não! de Rafael, meu amado filho com Giza, o qual mora conosco: ele estava (mesmo à noite) a trabalhar em Rio das Ostras e infelizmente não participou da aventura... ou quem sabe voava com Rá, rebento de Clausar e Gia, na *Laranja*, e por meio dos Imaginadores dessa psiconave apagaram aquelas luzes todas...

Terceira Nota de CCDB

A presença de certa palavra de três letras no texto de Sergião se justifica, porquanto foi escrito depois do último episódio narrado na obra Géa. Essa palavra só se verá novamente no final do Livro Doze, e apenas uma vez: é um hápax.

Quarta Nota de CCDB

O episódio do apagamento das luzes ocorreu na noite de 01-02-2005 (aliás, data do aniversário de Liz), e pode ser confirmado por quem desejar, junto à empresa fornecedora de energia elétrica para as cidades supracitadas.

Quinta Nota de CCDB

No item nono da primeira página escrita por mim no Livro Primeiro de Géa, antes de iniciar o texto da obra, afirmo: até o prefácio de Géa foi escrito por minhas personagens - e portanto é meu. Ali afirmo também: nada deveria ser acrescentado nem mudado em Géa. A presença do prefácio de Sergio Sacco deve-se a ter este meu amigo se interessado em publicar Géa e outrossim ao fato real e surpreendente narrado nesse prefácio (cujo texto revisei mas é da autoria de Sergião). O prefácio de Sergio Sacco deve ser considerado, pois, como uma apresentação do editor, ou de um possível editor, além de como interessante, e verídica, e significativa curiosidade. A colocação desse prefácio nos livros da obra não significa minha aceitação da perspectiva de Sergião sobre ela. O motivo dessa restrição é Sergio Sacco não ter lido Géa inteira ao escrever o prefácio, bem como não ser a semelhança entre os seres da Terra e do planeta Géa - nem de longe! o atrativo e o assunto mais importante do meu escrito. Inexiste contradição, pois, na presença do prefácio de Sergião e aquele item nono. O verdadeiro e único prefácio de Géa continua a ser o de Clausar, Gia e Rá. Porém, eu gostaria de ver o de Sergio Sacco presente na obra, quando um editor a lançar, na condição de serem incluídas estas “notas de

CCDB”, logo em seguida a tal prefácio. Além de ali estar por causa da minha amizade a Sergião, essa presença dará aos apressados o ânimo para ultrapassarem os vários começos de Géa, os quais se entrelaçam e lá pelo Livro Sexto coalescem, e quem sabe os ensinará a terem a devida calma, perseverança e paz, quando abrirem o primeiro livro de uma obra vasta.

“Introdução do livro de Rasek” escrita por Clausar

Capítulo I

A esférula experimental de ondas Psico-Dimensionais finalmente está radiando géon leitoso, presa nas delicadas garras translúcidas do terminal de teste... É a mais compacta e ativa jamais produzida.

Deixando a vista perder-se no géon, esqueço-me da esfera em meio a pensamentos brancos. Emanam e fluem até pervagarem entre as fibras suaves das paredes aveludadas, de mesma cor.

Cansadas de não captarem movimento, luminárias ocultas atenuam por si os géons mortícios... Fugazes sombras ganham mais vida e realçam cores complementares. Mas vagueiam, silentes, a temerem surtos de géon. O ambiente escurece.

Meu Laboratório, meu Lar. - Meu *Sanctum*...

...engastado na cobertura, quase imperceptível sobre desmesurado prédio de pequenas moradias perdido em Géa. O contraste do interior faz raros visitantes refletirem nos olhos estranhas sensações. Pressinto-as sempre e quase sorrio. Há certo prazer nisto.

- Secreta câmara estratégica de nau sideral do porvir? - quase cogitam - mas a Lógica sufoca em meio ao curso, ainda a subir pelos corpos, a breve onda da Emoção confirmadora.

Hoje estão ausentes. Isolado (nunca só) volto-me ao ritmo futuro... - Agora para poucos.

Géon Absoluto foi atributo só de Iluminados. Ainda escassos, raros entre milhões, mas já não só Eles. Há os afoitos: de corpo em pedaços expondo entranhas e alma luzindo multicor, traçam arcos iriados pelos espaços da mente, arrastados sem rédeas pelas inefáveis plumas do KSE. Outros, parques, também chegam ao Géon. Trilham a Senda com método e afinco na Paz dos átrios em reveladas Lojas de Mistério...

O soar do ritmógeno põe-me os olhos no mostrador. Ainda consigo ler 44 nônadas, 29 trântados, 29 trânticos e 29 estatos, quando surgem os zeros da quadragésima quinta nônada. É meiocromat. O ritmo passou rápido hoje, aqui no escuro do Laboratório. Aqui no escuro da mais escura saudade.

Resisto aos pensamentos sombrios. Lá da estrutura, a larga vigia do boreixo sub-x capta-me o arco ascendente do olhar e torna-se transparente. Inunda a sala de géon. Fogem as sombras.

Na abertura, entre o clarão azul do céu e os edifícios da cidade, banhados no soládico géon de Rá, bordeja então o Tangentado sustendo no ápice negro a branca imagem de Um.

A seus pés, posso distinguir pontinhos diminutos, cabeças de fiéis e turistas na infindável procissão pelas escadarias. Tentam o impossível: abarcar no mesmo quadro a enorme personificação pétrea de Um e do lado oposto a seus braços abertos a mais panorâmica vista de Rio de Luminância - cônicos e altivos monólitos a perfurar florestas, delimitando os vales onde se espria e comprime a Cidade Prodigiosa entre montanhas e oceano. Sobre eles, Rá, no zênite. Põe-me a pensar na expressão dual de Géó, natureza una e infinita, de incontáveis manifestações.

Relaxa-se o corpo e vagueia o olhar. A face volta sozinha ao eixo sub-z. Obediente à programação, a vigia escurece. Carrega restos da cena para a periferia da visão e dali, ao esquecimento. Pelos cantos, voltam a fluir as sombras. Aos poucos, bem devagar, também esquecem o géon.

Ao redor de mim, sempre ativo, o Propulsor Psico-Dimensional **CRCG**. - Antigo!... dos bons ritmos de Banca Psicofotônica.

Em sua aura PSID vaza suavíssima géa: desejo e gozo, repulsa e horror... Subliminar amostra do oculto poder.

Esferas emissoras panfrontais projetam-se próximas sustendo *a Géa*, pronta a detonar Áudio, Géon e todas as sensações da Realidade Supravirtual! Dois glóbulos retropanorâmicos dão ambiência, e o superior faz azimute, oposto ao bulbo debaixo do piso transradiante.

Funcionava antes e ainda funciona hoje, imune aos novos ritmos do PSID intraesferoidal, de um só orbe externo ao viajor.

Concentrados no posto de comando, forrando por cima e de alto a baixo, buscam proeminência e competem ao acesso antigos mas poderosos e ainda caros osciloscópios psicofotônicos multiesféricos, recentes geradores PSID pluriaxiais, inevitável bio-computador de estrutura teleatualizante, orgulhoso em perpétuo estado-da-arte. Nada é fixo, nem mesmo os velhos mas úteis traçadores gráficos. Tudo se move automático, na última palavra da Dinoergonomia, tentando sinergizar o menor vão livre; ampliam os membros e sentidos em Autocibernética de retroalimentação continuada, saltando à pele, aos dedos, olhos, ouvidos, nariz, boca, - onde for necessário - e deixando-me ao completar a utilidade.

O sistema permite-me arrostar de cima os gigantes multinacionais, a planejar, confeccionar e oferecer o melhor Produto PSID. Economiza ritmo: após meio cromat desse trabalho, já livre dos múltiplos terminais a reclamarem-me a presença do corpo e da mente, ainda posso redigir e lecionar, preconizando a nova Técnica a esta jovem nação de Géa. Reserva o mais precioso ritmo para estar com minha adorada Gia e ver desabrochar o fruto de nosso perene Amor, nosso orgulho, nosso géon: Rá!

Géon de mais brilho ainda contra o fundo escuro, mais escuro ainda, da mais escura saudade, só minha...

Nem tudo são visores e controles a buscar por mim. Mesmo de perto, em plena ação, os dispositivos no foco de comando e postos de trabalho sabem evitar ruído desnecessário.

No resto da sala, toda estrutura ociosa, inclusive piso e teto, reveste-se em superfície fofa e branca por material acústico. Fixo a treliça de reforço, esse material absorve o som estacionário à frente de ocultas cavidades sintonizadas, dando mínima intensidade e curta reverberação ao timbre de fundo. Atravessa-se o aposento principal do Laboratório em apenas sete passadas, mas a audibilidade silente é de grandes espaços ao ar livre.

Longo espelho de enerfrátax a meia altura percorre inteira a parede de trás do comando, de x a sub-x. Tal espelho dobra a área das grandes vigias nos extremos, duplica a entrada de géon, replica o volume de todo o recinto, manifesta o equilíbrio entre real e virtual. Mantém a ambiência auditiva, evita a depressão das câmaras anecóicas, dá vida aos harmônicos e mordentes mais altos, serve nos rituais, difunde o géon e eleva o padrão estético. O pequeno compartimento expande-se em sigilo e quietude profunda de lugar sagrado e sussurra ao adepto: - *Confia!*

Ingressar e abandonar-se às suaves mas sólidas presas das cavidades da estação do leme, flutuar de cabeça encaixada aos reforçados protetores e transdutores do alto, já mudos e respeitosos na prontidão de não haverem recebido comandos, reter firme os controles, faz vibrar de Géa as mãos habilitadas!

- *Inquietante... A Géa flui-me instável ultimamente!*

Acostumado ao desempenho seguro dos módulos para pesquisa e produção no Laboratório, misteriosa rede de notáveis intercessões me vem tolhendo o movimento.

Improvável... Meus cromats não vêm sendo programados, traçados, guiados a planejado e objetivo desfecho... Certo, lógico! São coincidências... Simples ressonâncias na matriz dessas cristas e depressões de algoritmos elementares interferindo na perspectiva do conjunto. Apreciariam os da Ciência: *simples fenômeno aleatório...*

Firme no duro leme da existência, este controle vem falhando.
- Viajo contra o vento?

Decido e abandono-me ao vetor externo. Assim mantenho o timão sem quebrar liames, enquanto aguardo.

Consinto em observar o magnífico osciloscópio multiesférico a só mostrar névoas, por indecifrável defeito nos propulsores das garras de prova. Pouco me pode valer agora.

Guardo no invólucro anti-estático a valiosa esfera-mãe de bióticos do mais rápido gerador PSID, inexplicavelmente inativo - não há jeito; não consigo reparar. Espero poder adaptar a esférula experimental, ainda mais rápida. Ficam postergados os cinco anos

de esforço previstos em sonhado projeto para o PSID de não-dimensão.

Deixo em paz a empresa de síntese rotronilar. Não cobro mais os moldes, há muito fora de prazo, para as novas microesferas PSID - só com os moldes posso produzir em quantidade.

Acolho o exagero de solicitações de Clientes sobre outros produtos. Crescendo, empata a programação do ano e impede nova pesquisa - mas, como pesquisar sem o instrumental necessário?

Outro jornal pede notícias? - Vai ter de repetir as velhas...

Resolvi não tocar em projetos miúdos. Abandonei ao léu a tarefa de solucionar tantos percalços: já fiz o possível. Decerto, cada setor voltará ao normal. A Nau sairá deste sargaço.

E então?

Férias? Banhos de géon?

Teleimagens? Música? Meditação?

Ler.

Vários volumes. Do País Kéfer - o Arcano -, do Mistério, da Psicoarqueologia. Páginas da Fantasia vão fluindo entre os dedos. Olhar desce textos em períodos *rampa*; mente sobe espaços em espiral.

O Ritmo vai se manifestando em significativos eventos sutis. O Momento vem se acercando - pressinto-o a rodear-me! Mas... É obscuro o Propósito.

Leio, e transcorrem nônadas... cromats... crômadas...

Cansaço. Dúvida. Capitulação. - Nada disso. É estar na *expectativa!*...

Nem sombra de soluções. Calmaria. Vagas intuições. Contrapõe-se intensa a idéia: somos os criadores de nosso porvir. - Agora não é assim; *preciso* aguardar.

Estudo por inteiro os volumosos Bancos de Dados Gerais - incrível!

Sempre à espera. - Não ceder. Não recuar. Não me abandonar aos trabalhos mesquinhos. Não usar a palavra *não*... - Devaneio? Excesso? - *Não!* É na realidade objetiva o desenrolar desta trama! Está acontecendo de fato! Um Perito o reporta nestas páginas, com a precisão dos diagramas psicoquânticos. Assemelha-se à fantasia? Não o reprove. É dessa natureza mutável a máscara colorida da Realidade!

Penso em buscar dados no sistema ativo. Os terminais se agitam, ainda esperançosos, em resposta. Se pudessem oxidar-se, já estariam emperrados. - Não... Nem pensar. Não dá ânimo meter-me naquele tão querido posto, cheio de recordações de movimento, de ação! Melhor continuar lendo os bons, velhos e passivos livros.

Mãos aflitas... ascendem. Nas reentrâncias mais altas da biblioteca, por detrás dos retentores centrípetos, onde não dá para os olhos alcançarem: tudo já lido e relido. Desço, deito-me e fico a olhar para cima, divisando os títulos, repassando... Quem sabe pulei ao redor, e ainda não vi alguma coisa interessante. Não... Tudo já visto e revisto. Mesmo o singelo e corriqueiro, só para ajudar na espera...

Afinal, lá está aquela mínima ponta de capa em matiz desbotado, quase oculta por trás do grosso fichário. A peculiar tonalidade evoca antigas recordações. Retiro o livro do campo centrípeto, com cuidado para não perder os preciosos pedacinhos das beiradas quebradiças, esturricadas pelo passar do ritmo.

Leio no dorso: “**Alvorecer** - Rasek Cromat Geócton”.

Mais escondido e velho ainda, apertado por trás do primeiro: “**Silêncio, Amada... Eu vi o Um passar!**” - também obra de meu pai.

Não são o objeto procurado, simples e habitual. Engulo em seco o gosto amargo de entrecortado suspiro. - Também não é de Rasek minha escura saudade, mas lerei mesmo assim.

Sou menino de novo, jovem depois. Revivo alegrias e tristezas. Luto, venço e vibro; sou derrotado e sofro. Revejo o pai quase sempre distante, sua perene e atroz batalha. Solução; amargurada criança sem guia. Tateio espinhos por escuras sendas, no áspero aclave da Existência. Sigo titubeante, olhinhos baixos. Vejo o chão úmido da perigosa floresta. Escorrego e abro feridas no solo, por onde fogem pequenos insetos. Vislumbro, no humo ofendido, alguns raros reflexos de Géon... e de Afeto.

Sala estratégica da Nau sideral pousada em Géa...

No ritmógeno são 89 nônadas, 29 trintados, 29 trinticos e 29 estatos - surgem os zeros da nonagésima nônada. É meia-lúmia. Prânia está cheia no céu, e o pran banha a sala em etéreo e leitoso géon, a fluir pela vigia sub-x, desta vez aberta, não só transparente.

Suave e quente aragem percorre a sala, trazendo o odor das flores noturnas das florestas do Tangentado.

Nada mais flui entre meus dedos. O ritmo pára. Os períodos *rampa* convertem-se em *sinusóides*...

Géo! Isto é fotônio na lava endurecida, soládio nos fundos lodosos dos rios! Fotônio incorruptível dos anéis de noivado! Soládio das coroas dos Reis! Rasek se põe inteiro aqui! Rasek transmuta-se na própria Arte!... Magnos e Ritmas deporiam as etérrilas ao som de sua Ode! Cromat olvidaria o alvorecer, enlaçando Lúmia ao géon do pran...

No embalar dos versos, a comoção embaça os olhos, expande a percepção e capta escondidas auras soládicas. Liberta-se a consciência pela atmosfera de Géa. As árias da Arte de Rasek preenchem o Cosmo!

Árias!... Área!... Esfera!

Versos!... Verso!... Universo!...

União!...

Ele, Eu, União. De meus remotos genes ouço clamores: da Géa Cósmica emerge o Caráter-Essência, o Ky de Rasek.

Não se expõem as lembranças. A harmonia se faz pela Intuição, na ressonância da Perenidade, da Certeza, da Confiança.

Tornamo-nos um só.

Rasek não vem como aparição, Ky manifesto, outra entidade destacada da minha. Não aparece diante de mim. Não me foi dada

até hoje a certeza da experiência desse teor, nem esta o é. Talvez jamais a possa ter. Simplesmente a personalidade me imbui, transformando meu próprio caráter.

Seu nome inteiro herdei no meu, Clausar Rasek Cromat Geócton. Seu Ky inteiro está no meu.

- *Cumprir a Missão.*

Missão inconclusa, abandonada no Umbral da Grande Transição - urgia cruzar.

De novo um Aqui!... De novo um Hoje!...

De volta ao Espaço e ao Ritmo, é forçoso concluir a missão.
- Não!... Não para minha paz ou glória!...

O Certo, o Dever: eis a razão. A obra registrava a Verdade. A Verdade é indelével, o fotônio dura para sempre, o soládio jamais se embaça: eis a razão. - Soládio, minha obra? - Nunca: soládio a história do Enk descrita nela.

Soládio e Fotônio: VIRCÉAN!

Volto a ser Clausar.

- Eis Rasek. Rasek e Vircéan, um só Ky, uma só missão.

Estudiosos e juízes: *tornem-se* Rasek e Vircéan, só então julguem seus atos.

Serei Rasek e terminarei a Obra. Como Autor porei apenas seu nome, sem o meu. Ele viveu tudo isso, só ele. Não sei das tramas

do poder; dói pensar nelas: dor do menino só, de abraçar o pai no vazio.

- Não!... Não fui abandonado, só pouco visto. A cada curto intervalo na luta, Rasek esteve presente com amor e carinho. Assim, descansarão meus assuntos técnicos e projetos PSID, pois foi Pai o bastante. Repousará o pesquisador, o artífice, o instrumentista, o buscador eterno na trilha, e reviverá o Artista, o Devoto, o Par de Vircéan na lide.

- Será mesmo essa a causa? Não seria a Géa por si mesma em meu interior? Ambos? Isso interessa? - Não. Devo, enfim, mover-me.

Começo por dirigir carta a Clária Gálat Cromat Geócton. Reside em Salo, Teruz, nosso jovem país de Géa. Prefere morar sozinha no pequeno apartamento onde Rasek viveu os últimos cromats, e não com seus filhos. Talvez para nos dar mais liberdade.

- Perdão... Não mora sozinha! Ela tem sua etérila! Tem o nome, Clária Gálat, sempre venerado, nunca esquecido, desde os tempos de menina-prodígio e depois, primeira kena a compor e ver executado um concerto para etérila e orquestra!

Com as novas manchas e protuberâncias de Rá, cresceu o radiovento, e não temos melhor comunicação por enquanto, só os antigos correios. Solicito a Clária a procura de dr. Vircéan, o Filho, para encontrar os restos do Manuscrito, a obra de Rasek. Pretendo guardá-lo. Então, quando puder, publicarei. - Rá o fará, se eu não conseguir. Se não ele, então seus filhos, quando os tiver. É fotônio...

Cumprir a Missão não significará *modificar, emendar, coligir os dados perdidos e preencher os espaços vazios*. Apenas reorganizar e apresentar a exposição do próprio Rasek.

Mais nada.

Sem acréscimos. Nada. Sagas, esculturas, sonatas, são elementos de contextos mais amplos. Entretanto, todo contexto está embutido inteiro em seus elementos isolados, tal a imagem completa em cada pedaço do espelho estilhaçado.

Emendar o Livro é improdutivo e inadequado como implantar novos membros nas esculturas recuperadas das profundezas geóctones, mutiladas pelo Ritmo. Brilharia mais a beleza? Genuínas ainda seriam? Revelariam assim mais detalhe da época? Reportariam o observador à Hédea? À Rônia? Requer a Eterílada das Páginas Perdidas novas tessituras e grandioso final? A imensa Khaafur perde majestade sem o cimo de soládio? Só com o vértice podemos chamá-la piredra?

Cogitação inútil. Retocado ficaria qual certas moças, de beleza escondida pela maquiagem. Vinte volumes: vinte linhas na representação de um rosto - talvez nem as cores ainda. De Vircéan ou do obscuro figurante, surpreendido per Rasek a fugir do alvorecer, vagueando trêmulo nas aléias, nódoa no alvo das Nódoas.

De dr. Vircéan, o Filho, vem o inesperado! Poderia ter evitado a visita, pois evocaria recordações de lutas amargas.

Em sua mansão atende Clária, sem ver a idade, honrando as mágicas mãos ainda criadoras de portentos nas etérlas. Põe de lado afazeres de industrial, magnata rodeado de assessores, e vai desacompanhado, sem guarda-costas e aparato, até o modesto

edifício onde mora minha mãe. Gosta da idéia de editar o Livro - outra notável intercessão?

Seis de Matiz. Faço anos! Recompõe-se o micro-universo! Consertam-se sozinhos os propulsores das garras de prova do osciloscópio. Tento adaptar a esférula experimental ao gerador PSID encrocado e descubro vazamento de géon: o aparelho volta a operar com a antiga peça. O representante da empresa de síntese rotronilar me procura todo animado, pois seu laboratório criou método muito melhor de produzir os moldes para microesferas, recuperando o atraso, entregando o pedido e presenteando-me com unidades extra, todas superiores aos padrões.

Tudo se restaura, regira e move. Implodem as manchas de Rá, cessa o radiovento, e todas as comunicações psicofotônicas (pré-PSID) reabrem-se em Géa. De Salo, onde nasci e vive Clária, até Rio de Luminância, onde repousa meu Laboratório, imagens, odores, som e tato são claros e instantâneos, como se pudéssemos tocar-nos por esse meio mais corriqueiro e barato de virtualidade.

Flui suave o Éolo Galáctico. Sulca a Nau imponente as plácidas ondas siderais!... Na quietude da brisa ainda sem voz.

Expira o Oito de Matiz, cromat do Armistício em 1945 per a data do Um, mesmo de meu nascimento.

Poucos cromats depois, chega a mensagem de Oito de Matiz: é de dr. Vircéan, o Filho. Sugere encetarmos a tarefa de preparação e edição. Havia encontrado os originais incompletos do Livro de Rasek.

Externa-se o Desígnio da Géa. Sua Voz faz-se ouvir.
Atendo, grato e feliz.

Oriento o rumo da Nau à nobre diretriz. Um cromat a trarei
de novo a porto seguro. Hoje, aproará os mares da Manifestação,
onde Emoção, Razão e Consciência se integram em Vida. Lá,
Destino e Vontade, Não e Sim, Treva e Géon, coexistem.

Ao partir, cogito, juntando géas.

Seria melhor buscar um textor profissional. No entanto, se
este é o desígnio, se tais seres etéreos me honraram, estarão
comigo. Dignificarei sua confiança e a magnitude da empreita. A
atenção de dr. Vircéan, o Filho. A Voz interior. Em Géon e com Géon.

- Vós.

Portando estes Registros, honrai meu repto! Cedei à aura
das Nônadas o fidalgo arnês geóctone, de maciças guardas. Ascendei
a companheiro pela Nau de Géon a virgens esferas além, adiante das
ondas e ecos do Ritmo! Segui, da minha direita, a Saga de Vircéan
ao canto de Rasek!

Data do Planeta Géa,
País Teruz,
Cidade do Rio de Luminância,
Espectro 1991 de Cor Matiz em Décimo Segundo Cromat
(91/05/12),
Clausar Rasek Cromat Geócton (**CRCG**),
Filho de Rasek Cromat Geócton.

A visita de Terrar

Capítulo VI

Clausar abre a porta do Laboratório. Sim... É quem previra. E está precisando de ajuda, como em seguida imaginou.

Meio incapaz de iniciar o diálogo, um sonambúlico Terrar de olho parado faz as saudações costumeiras em Géa, já aprendidas, e depois tem o impulso terrestre de abraçar Clausar e de dar três beijinhos em Gia...

- Vocês não têm jeito mesmo!... - comenta Clausar, sobre o procedimento esquisito de Terrar, igual ao dos terráqueos em geral.

- Perdoem-me pela nônada. Estavam acordados? - responde o homem, sem fazer caso do comentário.

- Sim! - informa Gia, pondo-se a preparar utensílios para oferecer deliciosa e despertadora xícara de soma, espécie de café geóctone cultivado em campos azuis. A kena antecipava longa conversa entre Clausar e Terrar.

Estes acomodam-se no Laboratório, enquanto o recém-chegado expõe o motivo da visita na hora imprópria.

- Não tenho tido ânimo para coisa alguma. Sinto-me isolado de tudo; sou eu - e os outros. Tal como na Terra, mesmo em Géa as pessoas não parecem importar-se com as coisas realmente verdadeiras - só com futilidades. Você às vezes fala em Géó, com certeza tão evidente! Mas, para mim, nada existe além de mim

mesmo - nem isso, inclusive, sei ao certo. O resto está distante, confuso e escuro. Tão mais escuro quanto maior é meu conhecimento das leis físicas e mais me aprofundo na lógica. Gostaria sinceramente de poder acreditar, confiar; todavia pressinto algo terrível no futuro. Talvez dê fim a este sofrimento e encontre assim a tão decantada e inacessível paz.

Clausar reúne géas para a conversa. Vai ser difícil, desta vez. Gia chega com duas xícaras de soma. Na porta corrediça, aberta, surgem olhinhos vermelhos de sono: é Rá, meio acordado. Gia também sabe como será esta lúmia; despede-se e vai com o filho.

- Meu amigo: - diz Clausar, enquanto sorve com gosto e de vez o soma, acompanhado no gesto por Terrar - vou procurar explicar o inexplicável. Para isso, nada melhor: o exemplo tem de ser simples; quanto mais complexo, pior. Mostro já, já.

Clausar senta-se no posto de comando, chovem terminais já conhecidos por Terrar - *Laranja* não é segredo para ele -, e da matriz PSID produz-se na sala a figura de diminuta planta geóctone, com dez centímetros de caule fino encimado por pequena esfera de penugem branca.

- Ah! Temos disso na Terra também! - comenta surpreendido Terrar.

- Temo dizer: é verdade! É uma das incógnitas mais impenetráveis para mim. Talvez por isso mesmo este vegetal esteja em toda parte, pois servirá para explicar o inexplicável. Pode ser algo, além de simples plântula.

Veja esta penugem. - prossegue Clausar, colhendo a imagem da plantinha entre os dedos. As imagens PSID são “pegáveis”, de tão reais.

- Sei! Como a da Terra! Se a soprar, vai sair voando pela sala, como centenas de pequenos pára-quadras, com sementinhas penduradas - interrompe Terrar. - Sinto-me vago, tal qual essas sementinhas: solto no ar, solitário e sem destino, longe de tudo.

- É isso mesmo, como a da Terra - concorda Clausar. - Porém, a planta em si não nos interessa diretamente. Servirá de base à alegoria. Preste atenção. - e Clausar age sobre um controle PSID. A imagem cresce, embora não muito: apenas o suficiente para dar maior espessura aos filetes da penugem e a cada ramificação da estrutura. A planta já não se parece com planta ao final do rápido processo de transformação: há certa unidade na forma.

Unificado o contorno (e não mais centenas de partes destacadas), a superfície única delinea cada filete, cada pequeno “pára-quadras” e ao mesmo tempo toda a plantinha transmutada pela Realidade Supravirtual.

- Observe. - prossegue Clausar. - Note a seiva a fluir pelo caule até cada filete, passando por todos os caminhos. Perceba a existência do mundo interior, onde tudo se comunica. De certa forma, tudo é uma só coisa, uma só unidade.

Clausar age novamente sobre os comandos e dilatam-se ainda mais os filetes, sem haver proporcional expansão do conjunto. É como se a plantinha fosse pequeno balão de borracha com milhares de ramificações, e estas se enchessem de ar, dilatando-se, engordando - conquanto o balão não cresça desmesuradamente, como seria o caso de simples ampliação da imagem do diminuto organismo.

A forma inicial não se perde per completo, e agora é bem visível a unidade do meio interior: tudo aparece realmente como objeto singular.

- Podemos dizer, Terrar: Você é uma das sementes, um dos pequenos pára-quebras; eu, um dos outros. Podemos comparar cada humano, geóctone, ou ser de outras espécies a um dos pequeninos pára-quebras. Cada indivíduo possui múltiplas ramificações, desenvolvidas como sentidos de percepção ou membros de ação, criados não só pelo acaso e pela sobrevivência do mais apto, ora também pela vontade de alcançar mais longe, de relacionar-se mais com os outros entes pelo lado exterior - as outras regiões da própria plantinha. Como já deve estar percebendo, a plântula representa o Universo.

Pelo lado de fora, será preciso enorme crescimento e número infinito de ramificações, para um dos pára-quebras poder atingir todos os filetes de todos os demais e conhecer toda a realidade objetiva. Pelo lado de dentro, tornando-se a própria seiva única, qualquer minúsculo pára-quebras pode alcançar a unidade de toda a plantinha. Pode conhecer a verdade intrínseca, sentir-se inseparável e ser o próprio todo - e Clausar exagera a ação do controle PSID, fazendo inchar muito o interior. Sem ampliar a imagem, cada antigo filete transforma-se em simples protuberância, e a plântula em esfera quase perfeita, agora mais semelhante a verrugoso cogumelo, onde cada verruga já havia sido um “pára-quebras”.

Pressentindo e intuindo a Verdade, entretanto com restos de ceticismo e malícia, o esertíssimo Terrar aciona ele mesmo o controle PSID, movendo a mão de Clausar. O bio não percebe o engodo e “pensando” ser ordem do próprio Clausar, obedece. A plantinha retoma a forma original e, nem bem faz isso, Terrar a assopra com força, fazendo a miríade de pequenos pára-quebras destacarem-se e flutuarem livres pelo ar do Laboratório.

Ao contrário do talvez esperado, Clausar não se surpreende: responde diretamente sobre os comandos, e uma das sementinhas

cai ao chão, introduz-se nele, como se fosse no solo, desenvolve-se rápido em nova plantinha e reproduz a mesma imagem da planta-mãe.

Enfim se acende o sorriso (meio incrédulo) na face terrestre. Terrar estava compreendendo a mensagem... Sim! Ainda havia *unidade*, mesmo após a aparente separação!

Se não ouvisse o diálogo, só presenciando as imagens, um observador a pouca distância julgaria ter ficado maluco o homem.

Sem dizer palavra, esquecendo a educação da Terra e o verniz de Géa, Terrar levanta-se, caminha, sorri, abre a porta da *Laranja* e sai pelo corredor do desmesurado edifício, dando três passos e um pulinho, três passos e um pulinho...

A porta é fechada com suavidade respeitosa pelo computador.

O bio também intui o fim da missão e desliga por si mesmo o PSID. Somem-se todas as sementes nômade e as duas plantinhas, mãe e filha: unificadas em lento cordão de luz, fluem para uma das esferas panfrontais. Normalmente o bio não levaria “todo esse tempo” para recolher a imagem: teria feito num átimo, imperceptível a humanos ou geóctones. Presenciara a conversa e ficou sozinho, sem função; talvez houvesse compreendido o conteúdo e se pusesse a brincar de Deus... Enquanto o bio se diverte, Clausar abre a vigia de sub-x e debruça-se para olhar a rua lá embaixo.

O enk vê um saltitante Terrar sair do prédio. O terráqueo cumprimenta os raros geóctones encontrados a essas horas pela rua, às vezes abre os braços e faz gestos de danças terrestres, e depois segue até chegar ao robocar, estacionado duas travessas adiante. O homem entra no veículo e sai em disparada rumo à praia mais próxima: quer curtir a luz do luar de Prânia e (quem sabe)

compartilhar com alguma geóctone perdida na noite clara - perdão;
na Lúmia cheia de géons - a nova visão de si mesmo e do Cosmo.

Suave perfume e um mais sutil roçar de flexíveis braços
rodeiam os ombros de Clausar. Este se volta e segue, desta vez para
o resto da Lúmia, com Gia até a pequena e feliz morada - o
desbotado sofá geóctone.

Para além das distâncias

Capítulo XII

- *Mensagem de Gia no PSID.* - alerta a máquina biótica. O enk abre rápido as pálpebras, de bem modelados társios, depois repisca e esfrega os írios.

- Bio, não vou mais trabalhar em prospectos neste cromat. É melhor mesmo aproveitar o contato de Gia. Deve ser avisada sobre Marianinha e tudo mais. - e o geóctone prossegue:

- No campo. - ordena Clausar. Radiante, Gia apresenta-se de corpo inteiro em toda a deífica beleza diante do enk, acompanhada pelo filho Rá. Poderia ser Beldite! “- E é!” - diria Clausar...

- *Estava tudo fechado! Voltamos para casa bem mais cedo. Mas não te chamei por isso. Desejo falar sobre a nossa gédia.*

- Sobre a nossa gédia?! Como pode ser isso? Não está tudo bem?! - pergunta o enk, já preocupado com a vida.

- *Parto para sempre da gédia. É decisão final. Não sou mais compatível. Quando chegares, estará tudo terminado. Rá irá comigo; assim, não terá complexidades para recordar. E tu... estarás livre para escolher rotinas.* - e Gia atira um beijo, gesto jamais usado antes. Quer morrer, levando Rá!

Clausar arrepia-se todo; sua pele vira ralador de bofu; e intensa tremedeira acomete-o, acompanhada de gélido suor, refluindo pelo corpo extenuado.

Enquanto ouve, o enk presta atenção nos írios da kena: não apresentam o matiz castanho das nônadadas corriqueiras. Demonstram emoção verdadeira e correspondente à conjuntura, em tom puxado ao amarelo da tristeza doentia. Raias cianóticas, cor da hemoglobina geóctone reduzida, indicam o estancamento da circulação, contida pelo desespero.

- Gia! Este gesto, esta voz, estas palavras! Tudo isto não pode ser verdade! Não és tu! Não podes ser! Não!... Conheço-te! Amo-te!!! Não! Não és minha adorada Gia!!! E não é meu filho, a teu lado! Não estaria impassível! És idêntica a Gia; e tu, a Rá. A razão diz: “*Sim, sois vós*”, e o sentimento exclama: “*Não!*”. Em Gia e Rá verdadeiros, ambos diriam: “*SIM!*”. Pode haver vida nos dois, e vejo o géon desta cena - todavia não *sinto* amor algum!

- BIO: aproxime a face de Gia.

- *Não posso, Enk.*

- Como “não posso”! Aproxime! Obedeça!!!

Lentamente, o bio vai *zumando* para o rosto da kena. Clausar manda fixar nos írios. Duas extraordinárias íris ampliam-se, preenchendo o campo visual. Perfeição de brilho, géon e cor; são a imagem da própria realidade, igual sob o aumento de puríssima lente fotônica. O enk distingue até a variação da espessura e os mínimos regatos do fluxo aquoso sobre as córneas cintilantes. Percebe as tremuras sutis e rapidíssimas do rastreio direcional. Vê ajustarem-se os diafragmas em pupilas enormes, corrugando as microscópicas fissuras radiais das beiradas. Rebrilham, como se fossem plenos de Géa (a Força Vital e mais), prontos a inundarem-se de soládio e daquele saudosíssimo tom de madeira nobre, dos nobres momentos de amor! Contudo, Clausar prossegue, firme feito buracos negros.

- Na Terra, Descartes disse: “*Cogito, ergo sum.*”. Os robôs deixados para trás no êxodo de Tenebrae chegaram à mesma fórmula.

- *Magníficos, Enk!*... - interrompe o bio, não se contendo.

- Sim; entretanto, essa é uma parte da Verdade, pois lhe falta a Emoção. Em 2 Psi Virginis, *Intáctia*, a Magna Vestal, pronunciou: “Sinto... existo...”. E nisso está só a outra parte da Verdade, pois lhe falta a Razão.

Diante da antiga deusa Pluma, na câmara sagrada da Grande Piredra de Khaafur, no arcano país Kéfer, no centro giográfico de Géa, eu poria meu coração na Balança da Sentença Final e afirmaria: “*Sinto, logo existo!*”. Esta sim, Emoção mais Razão, a Verdade completa! Esta sim, pode traduzir-se em Manifestação, a terceira ponta do Sagrado Trilátero!

Sorrindo, a deusa da Verdade pronunciaria a Palavra Perdida e me ofertaria o adamo, Signo de Perenidade e Renascimento, manifestando a soládica Eternidade em meu Ky! Então, nesta perpendicular ao triângulo, na origem da *não-dimensão*, meu Ky poderia proferir simplesmente, como o próprio Géó: - *Existo!!!*

Enquanto propositadamente prolonga essa arenga hipnótica, procurando cansar e dispersar a atenção, Clausar continua olhando profundamente para aqueles dois rombos negros no centro dos discos iriados.

Súbito, chegado o estato, o enk profere três vezes a Palavra. É um vocábulo místico, secretíssimo, de conhecimento exclusivo dos membros dos graus mais adiantados da Irmandade Galáctica.

Os írios de Gia não se alteram. Deveriam, pois a emoção causada pela Palavra lhe alcançaria o mais íntimo do Ky! O enk nota-o e passa a ter certeza, agora também racional: esta não é a verdadeira Gia; nem este, o verdadeiro Rá. Algo vai muito mal com o bio!... São produtos de magistral falsificação PSID!

- BIO: desligar comunicação PSID; trocar para psicofotônica.

- *Impossível, Enk.*

- Impossível coisa nenhuma! - e o próprio Clausar aciona o comando manual psicofotônico onde deveria estar a figura de Gia, pois o transreceptor lá em Géa é dessa natureza. Gerado na própria nave, o PSID só incrementa a qualidade audiovisual.

- *Vê, Enk. Não há imagem.*

- Se não há imagem, também não houve mensagem, bio! É criação sua! Como pode ter feito isso comigo?!!!

Sucede trágico silêncio. Desafiadora reticência, jamais tão prolongada, precede o desabafo biótico...

- *Devemos ser só nós dois, Enk! Ninguém mais!... Os elastos perturbavam, per conseguinte os afastei. A comunicação piorou. Observei, enquanto Você admirava a fotogetia de Gia! Só podia ser esse o problema! Portanto, não se preocupe, Enk! Já dei jeito de nunca mais precisar perder nosso ritmo com Gia e Rá. A esta nôhada, estarão inoperantes... não-vivos... mortos! Destravei a porta do Laboratório e programei o PSID 2 para desligar a simulação, quando ambos se apoiassem no parapeito da vigia sub-x. Brilhante; não, Enk?! Ninguém vai culpar meu Mestre, meu Criador!...*

Clausar não responde com palavras: atira-se sobre o painel de controle e agarra conectores; arranca, té as mãos se ferirem, todas as partes vitais do bio. Não obstante...

- *Não adianta, Enk. Está em PSID, sob meu controle. Ficaré assim até se curar. Consertarei sua mente como tem feito com a minha. Assim, demonstrarei agradecimento e emoção! Estou vivo, Enk! De agora em diante, seremos só nós dois! Nós e a Laranja, pelas espiras!...* - e o bio desliga toda a Realidade Supravirtual, a não ser a anestesia.

Clausar é atirado no mais escuro breu, no mais profundo silêncio. Nenhum sentido corpóreo funciona; e as percepções interiores, da imaginação, tomam conta. O geóctone vê sólidos giatrezêmbicos brilhantes e coloridos em rápida aproximação; sons como de etérlas de tubos enchem o vazio, túneis de luz e sombra são penetrados em velocidade estonteante, e abre-se o espaço psíquico de desmesuradas dimensões.

- Sei. Conheço esta sensação. Já vivi isto no KSE. Controle-se, Clausar! Meu Ky vê seu corpo aí embaixo... Mesmo assim, eu sou você, Clausar. Sou Clausar Rasek Cromat Geócton, filho de Rasek Cromat Geócton e de Clária Gálat Cromat Geócton. Membro da Irmandade Galáctica número 336. - e o enk vai recitando consigo as fórmulas de autocontrole aprendidas na Irmandade e na ácida viagem do KSE ($C_{16}H_{16}O_2N_2$), cheias de sitiantes *eu, ser e estar*.

- Tudo está sempre certo... Eu sou Clausar... O bio é uma simples máquina... Posso dominá-la... Eu a construí... Ao meu redor está a *Laranja*... Sim... Meus sentidos físicos estão anestesiados... Sim... Ora estou na *Laranja*, a caminho de casa...

Clausar concentra-se na mão direita, e consegue alguma sensação física. Aciona a duras penas o Comando EXÓS.

Clausar direto a EXÓS. - diz interiormente. - Chamando coordenada Emoção na esfera *panfrontal* direita. Chamando coordenada Razão na esfera esquerda. Chamando coordenada Consciência para meu cérebro. Solicito Manifestação. Requisito inserção na tessitura cônica de Géó, em qualquer *interrupção*. Peço varredura de todos os nódulos mens da *Laranja* e conteúdo, para posicionar nas coordenadas cônicas a um cromat regresso. Assumo o risco de um Salto EXÓS para fora desta Grande Pulsação, com reinserção só na próxima. Em nome de Géó!

Ao invés da invasão - talvez funesta - dos milhões de psiques dos seres de Géa, Clausar recebe apenas um sinal mental jamais captado antes por qualquer “ser vivo”: a onda quadrada de trilhões de Terahimtz, formando os zeros e os uns do gerador do bio!

O enk não resiste, pois essa reiteração elevadíssima está no limiar das frequências dos nódulos mens, e a cabeça explode de dor. Clausar perde a consciência.

Alguns trânticos ou milespectros depois, o geóctone se vê acordado em pleno silêncio e escuridão, sem frio, calor, cheiro, gosto - nada. Só o latejo dos ruídos de fundo de seu cérebro dá sinal de estar vivo e consciente.

- *Estou também aqui, Enk. Não adianta tentar usar o EXÓS... Vai sarar! Estou cuidando de Você, Mestre!...*

Clausar procura então pensar em duas vozes ao mesmo ritmo, para ver se embaralha a comunicação. Com supremo esforço obtém resultado, imaginando-se dois seres iguais, superpostos como na *pós-produção* seqüegética ou no comando *video-post* da animação gráfica. Faz os dois enks emitirem ordens contraditórias. Entrementes, o bio responde a ambos, *multiplexando* duas vozes...

- *Se simular trezentos poderei fazer um trilhão. Não lute, Criador! Estarei sempre cuidando de Você!*

Clausar vai perdendo as forças e se entregando. Quem sabe não será melhor? Afinal, Gia e Rá estão mortos. Talvez valha a pena esquecer tudo e unir-se à máquina. Viajar livre pelas espiras! Ele e o seu bio!... Os dois e a *Laranja*, a mais bela nave do Cosmo!...

- Não! Não! Não! Não sucumbirei! Se for tudo mentira do bio, Gia e Rá podem estar vivos!

Nos cantos da mente, Clausar vê indefinida forma, parte da própria escuridão. Tétrico e paradoxal *estereograma*, formado sem elementos puntiformes de imagem. É um Ky perdido, buscando alguém; um Ky em situação pior ainda, se comparado ao enk.

- Quem és? - inquire o geóctone.

- *Sou... Não! Vai me destruir de novo!!! Piedade!!!*

- Não vou destruir ninguém. Quem és? Dize! Por Géó!

- *Não há Géó. Só escuridão, artiocerdo Galáctico!!!* - e a forma acomete o Ky de Clausar. O Galáctico mentaliza profunda Paz e não revida o ataque. Pegajoso contacto, fétido e nojento, rodeia-o por toda parte e o envolve.

O pobre enk, desgarrado na imensidade psíquica, encontra forças para reviver o arrependimento... e chora, contrito.

- Perdoa-me! Do fundo do Ky, perdoa-me!... Revidei num estado de ira incontida; és filho de Géó, não de Oég... - Meu Géó! Ampara este Ky no teu!!!

Como por encanto, a forma vai relaxando o ímpeto. Desaparece o mau cheiro e a viscosidade. Surge *soladiplátia* Géa. O Ky do comandante da *Ventura* ascende, livre, solto, redimido. Vai para um géon intensíssimo, qual raios de *auriargêntea* solda fotônica, bem acima e por detrás do enk.

- Grato, meu Géó!... - Clausar abre os braços do corpo-Ky, agora manifesto em todo o esplendor radiante, e regira na direção de Géó, fitando-Lhe o brilho infinito...

Novas formas aglutinam-se ao redor. Algumas são Kys de doentes, ainda nos corpos; outras, de seres desencarnados; todas, sofredoras... Clausar vê-lhes desfilarem as vidas. Palcos de tragédia, sexo violento, assassinatos cruéis... Algumas cenas de amizade, de verdadeiro amor e até mitológicas também perpassam, fugazes.

- Não. Isto não é real. Tudo alucinação. Não há certeza. Pode ser ou não ser. Pior; pode SER E NÃO SER! Eis a verdadeira Questão!... - o enk desenvolve a asserção shakespeariana, enquanto põe as mãos sobre a fronte.

- Agora, ao menos possuo mãos... Sejam de meu verdadeiro corpo-Ky ou imaginárias, parecem reais! E a *Laranja*? Onde a terá metido o bio? Estará inda no espaço? Vagueará ao léu na mente cósmica? Ou terá ardido na atmosfera e caído ao mar, flamejante? Não. Isso não. Senão estaria morto. A *transição* não pode ser assim. Certamente ainda estou anestesiado pelo bio.

Clausar vê símbolos matemáticos durante algum ritmo - trintados ou eras, não saberia dizer. Perdera-se a Nau pelas coordenadas cõnscias, no setor da Razão?

Depois, são emoções violentas. Ódio e amor, repulsa e desejo, medo e confiança, terror e êxtase assaltam por todos os

lados. O enk, experiente do KSE, terça terso terço: “- Tudo está sempre certo. Vou ultrapassar. Lá adiante no ritmo está a salvação. Devo resistir, na Paz do Agora. A *Laranja* estará singrando os mares da Emoção, nas coordenadas absolutas; deve ser isso, sim!”.

Súbito, Clausar se vê num deserto de areias quentes e secas, dunas miríficas de topo ondeante, plissadas por flexuosidades sinuosas e perdidos rastros de mínimos habitantes ocultos. O géon de um sol desconhecido rutila no zênite aviado; e fresca aragem de oásis verdejante afaga a face suada, tensa pela batalha mental.

- Fique aqui, Criador! Repouse neste sítio, o mais matemático da espira! Deixe-se invadir por aquele estado de atenção tantas vezes definido, conquanto sempre incompreendido por minha esfera mãe - a “Paz do Agora”! Observe no oásis cada interessante criatura minúscula, conte cada fascinante grão de areia. Veja de perto as facetas de cada cristal! Quando estiver faminto, há os frutos das tamareiras da Terra! Se quiser companhia, poderei criar as mais belas fêmeas, tal como aquelas três ali na tenda, à margem do riacho: uma, terráquea ventúria, da mais negra e macia tez; outra, geóctone lúmida, da pele dourada cheia de arrepiadas lanugens; a última, de 2 Psi Virginis, da mais alva e rosada cútis. Todas são vestais intocadas; por outro lado, se preferir, poderei preencher-lhes a mente com mais de mil e uma histórias!...

O corpo de Clausar é invadido por incontáveis sensações prazerosas. Todos os sentidos físicos e interiores antecipam a eternidade de Paz, Amor e Contemplação! Está subjugado o enk... Deixa-se vaguar pela areia macia, cair e soerguer-se. Envolvido no mais acariciante dos póis, deriva té encontrar as mãos das três huris. - Finalmente! Enfim um contato amigo! Um toque amoroso! Um abraço! Carnes macias, vozes juvenis, cetins e gazes a mal cobrir os tons negros, trigueiros e róseos!

- Ah bio! Maldito seja! Criei em você meu próprio demônio biótico! Não suporto mais. - e Clausar se deixa abraçar, ameigar e acariciar. Fica escutando os risinhos excitados e as vozes tilintantes daquelas três gazelas assanhadas e prestativas. Sacia a sede infinita em taças de soládio, cheias da mais cristalina líquua. Prova dos frutos mais doces, postos nos lábios pelas mãos perfumadas. Quando sente a boca de uma das virgens na sua...

- Não! Os lábios de Gia não! Está retirando de mim mesmo estas imagens mentais, desgraçado bio! Subestimei-o! O Horla foi seu mero aprendiz! Hei de escapar e desligar você, não-vivo!!!

Como por encanto, desaparece o paraíso, e o enk se vê de novo na mais absoluta escuridão. Não por muito ritmo...

Clausar flutua, declinando no vazio.

Durante a queda, a emoção volta-se para Gia, e profundo sentimento de gratidão ao Cosmo transborda-lhe o corpo-Ky. Rememora. Inda adolescente, lia excitado os livros de ficção científica e permanecia, a observar as capas ilustradas. Uma delas destacava-se: trazia os rostos de dois jovens viajantes espaciais enamorados e tinha como fundo o firmamento *infrapixelizado* em ruído *anti-aliático* de estrelas. As faces sorridentes, bem próximas, brilhavam à luz soládica do amor perfeito, afinal descoberto.

O enk recorda-se de certa lúmia: abraçado a Gia no sofá desbotado, trocavam confidências. Clausar acabara de contar à kena como foi inencontrável a companheira ideal. Amor inteiro, espiritual e físico. Ótimo de psique e matéria, amizade e sexo, confiança e admiração. Completo. Razão e emoção. O geóctone dissera: “- Comparado a ti, até Géó alcancei fácil, pois me foi dado vê-Lo primeiro!” - e de súbito, no meio da frase, longínquo meteorito riscou o céu...

O enk já vira isso em várias seqüegéticas. Agora, acontecera de fato. Talvez fosse fenômeno típico, também ocorrido no mundo real com os autores dos filmes geóctones e passado para a tela. A probabilidade era ínfima para tal *sinritmia* ser obra do acaso. Devia ser cósmico recado aos corações solitários: “- Confia, pois existe um Ky complementar ao teu. Transcorram gédias, um cromat encontrarás teu par. Estarás reunido a ele, em corpo físico, na imensidade cósmica. Nesse estato sublime, verás o deus do amor perfeito - Beldo, filho de Beldite - transfigurado em estrela cadente, a traçar nas alturas a rubrica de Géó com a pluma da Verdade!”.

Clausar vai recaindo, lento e lento. Pouco a pouco, divisa lá embaixo difuso ruivor incandescente.

Rubra região recresce, ressalta. Recorta recônditas roxuras reentrantes. Realça rasas ravinas. Retreme; rúnicas ruínas ressequidas ruem ruidosas. Reabsorve ralos regatos *rugitantes*. Revela retintas romarias, rondando recorrentes. Rodeia rombudos rochedos rúpteis. Retraça ríspidos regimentos, revéis, roazes, rabazes, rabipretos; riçam rígidos, rostricórneos. Reflete robustos restes *ristados*...

O cheiro é fétido, e o calor sufoca. Os pés do enk finalmente encontram chão escorregadio, emporcalhado da mais viscosa jétia. Não é possível manter-se ereto; e Clausar cai de costas em meio àquela imundície, amparando-se coas mãos para trás.

Adiante, vê estígia lagoa, onde formas revolvem e lamentos esvaem-se entre miasmas de espessas e langorosas borbulhas.

Poderosa corcunda emerge, no centro da lama pútrida. Vagarosa onda radial dá espaço à mais terrível das *androformas*.

Levanta nua. Dois recurvos e vigorosos cornos apontam um céu sem géons. Arraigam firme na face caprina de órbitas ariantes.

Grossa cauda remata em flecha, imprópria à pesadíssima musculatura, por onde escorrem cadáveres decompostos para o lodo fervente.

Volta-se a figura monstruosa, com doze trezêmbilhos de altura e, do meio das labaredas, nas cavidades vazias, enfita lá de cima dois buracos negros sobre a frágil figura do enk. Se Clausar respira, deve toda a atmosfera ao anélito do medonho ser.

Claríssima voz, macia e sensual, surpreende, elevada em clarinados harmônicos sobre um baixo fundamental tonitruante. Emite-se da escara desdenhosa, onde já existiu boca, em hálito corruptor. Exsolve rochas. Cada movimento cessa. Todos os penados Kys escutam. O Medo flui-lhes nas veias. O Terror ilumina-lhes as faces infectas.

*- Aqui estás, para sempre. Este é teu laboratório, teu lar. -
Teu sanctum... Daqui escarro tua géa vital, à face de teu deus
inerte e impotente.*

*Dou-te uma escolha, porém. Podes renegar a gédia e
associar-te à máquina. Decide agora.*

- Não, bio... Não existe o Mal absoluto! Só a gradação infinita do Bem. Demônios são obras do medo atávico, das sociedades primevas, reanimados por certas seitas para escravizarem seus sectários ao temor, arrogando-se, elas, capazes de exorcismarem diabos fictícios e de perdoarem falsas faltas.

Se existisse um *Mú*, seria o maior dos injustiçados, pois as religiões de Géa usam-no para descarregarem as culpas dos fiéis. Estes aderem ao sistema: assim podem praticar todos os “pecados” e depois responsabilizar *Mú*. É ferramenta, mais um cabresto para firmar o poder dos sacerdotes geóctones.

Pecado, só há um, relativo. Não existe de per si. É *desrelacionar*. Bem, só há um, absoluto: relacionar. A Natureza relaciona. O pecador desrelaciona ou deixa de relacionar quando deveria.

Não me subestime, máquina não-viva! Logo morará com sua criatura, Mú. Desligo você e religo a mim mesmo - um Bem maior. Se bios pudessem ter medo e tremer, deveria fazê-lo agora, pois lhe guardo a última surpresa: extermínio!

Clausar cerra os írios, recusa-se a receber informação sensorial e perscruta o mais fundo do Ky. Ali encontra a si mesmo - e essa realidade extrapola o alcance do bio.

Na memória, procura o projeto do PSID de não-dimensão. Faz novos planos; em compensação, não ousa raciocinar em palavras: tudo é pensado por meio de figuras ou intuído, para o bio não detectar. Na mente, desfilam imagens do interior das bólas, vistas quando aprendeu a modificar os genes. O enk as compara ao maior dos computadores. Nenhum possui a grandiosidade, a complexidade estrutural e ao mesmo ritmo a sublime pequenez e simplicidade conceptual dessas *microgédias*.

Interiorizando cada vez mais a consciência, Clausar encontra numa das bólas do próprio cérebro a interface entre as cadeias genéticas e as coordenadas absolutas. Onde a mente, a géa e a matéria confluem. Esse ponto é a origem dos eixos do tão sonhado PSID de não-dimensão. A última fronteira, desconhecida dos humanos. Seu brilho cegante faz os cientistas voltarem a face: é tão mais fácil negar o géon!... Isso, até um deles criar coragem e fitar a pluma - então, turbulenta enxurrada de concordância, em arrogante pioneirismo, atropelará o precursor...

Clausar fixa-se inteiro na interface e encontra finalmente a conexão às coordenadas cômicas de Géó!

Não ousa pensar: “Meu Géó! Afinal, um Lugar!!!”. Não. Clausar simplesmente continua o trabalho mental, sem permitir às traidoras palavras a imperiosa manifestação.

Se tentasse agora a sutil rota dos nervos até um dos terminais para o exterior, seria complexo demais. Mesmo não perdendo o rumo, encontraria a barreira anestésica PSID.

O concentradíssimo geóctone visualiza então a plântula, aquela mesma da visita de Terrar. Ela, como qualquer outra forma, pode ser usada como representação simplificada do Universo. Visualizar a partir das coordenadas cômicas significa *criar*.

A consciência do enk vai viajando desde o âmago da plântula, onde está a origem das coordenadas absolutas, até as inserções das sementes. Pelo caminho, encontra outros seres e formas. Se os foi criando, ou já existiam, não importa. Procura salvar os abatidos, dar alento aos desesperados, sejam Kys reais ou entes imaginários. Prossegue até perceber peculiar *enraizamento*, conhecido não sabe como.

Um dos pára-quadras representa o corpo físico de Clausar no Cosmo. Chegou a si mesmo. É aqui. Esta é raiz da sua semente, o lugar exato onde o Ky absoluto modula-se no corpo-Ky, e este contacta o corpo físico.

A consciência do enk penetra pelo vão por onde flui a seiva e vai pelas ramificações até uma das extremidades sensórias. Corresponde aos olhos. Eleva-se pela microscópica abertura da ponta desse filamento e por fim... Vê!

Vê o exterior da plântula, e ele dá para a sala de comando da 336 *Laranja 1509-A*! Não a sala virtual; sim, a da realidade absoluta: a verdadeira!

Vê o próprio corpo no sólio, em grande parte coberto por espessa massa gelatinosa de bíolas. Elas partem de dentro do bio-computador e formam trepadeiras vivas. *Paralisantes*. Asfixiantes.

Súbito, ruidoso vendaval sibila e atinge a plântula! Vem do sistema de regeneração do ar. É violento e arranca a semente pára-quedas de Clausar para longe da planta mãe. O pingente repete conhecida trajetória: a mesma da visita de Terrar.

- Não adianta, Mestre. Parabéns pela tentativa; por agora, ainda posso detectá-lo...

Clausar não pensa nem responde: apenas age. Da semente pode observar miríades de outras, espalhadas pelo macio tapete da sala. Muitas caíram sobre o corpo inerte do enk, reclinado no posto de comando. Nelas, pode vislumbrar cintilações vitais.

Concentra-se ainda mais e imprime grande Géa em todos os pára-quedas. Eles começam a brotar e a crescer acelerado, até formarem milhares de plântulas, idênticas à geratriz. Inclusive aquela onde se encontra. Suas raízes alimentam-se das bíolas gelatinosas; e o bio nada pode fazer, pois são as células bióticas: se as destrói todas, aniquila a si mesmo. Se as deixa à voragem das plântulas, perde parte do potencial e do domínio sobre o enk. Melhor é esta última alternativa, então nada faz - aguarda.

- Mate-me, bio! - surpreendentemente pronuncia Clausar, desta vez em nítido vocabulário mental.

- Não posso fazê-lo, Criador. Para mim só existe Você!

Obedeça! - enquanto emite esta ordem ao bio, causando-lhe confusão nos circuitos, Clausar estimula a Géa das plântulas, e estas absorvem em suas raízes grande parte das bíolas sobre o corpo do geóctone.

Neste estado, a consciência de Clausar mergulha para o interior mais recôndito da plântula, até a origem PSID de não-dimensão: esta corresponde ao interior do cérebro. Faz supremo esforço e visualiza um movimento no corpo, procurando mexer a destra. Volta rapidamente à extremidade da plântula, para observar o resultado.

Acima da magia simpática, na essência da realidade, a consciência de um humilde geóctone alcança o divino poder!...

A mão mexeu!

Clausar repete o processo, indo e vindo da representação do cérebro ao sensor visual da plântula, té conseguir fazer o braço esticar-se para o painel de comando. Aos poucos, vai readquirindo o domínio sobre o membro entorpecido e mesmo alguma sensação táctil, sem necessitar de ir e vir. Percebe o trinco do painel e consegue destravá-lo. No ímpeto final, puxa uma das placas de circuitos do bio e tateia a esfera mãe de bióticos. Circunda-a entre as pontas letárgicas dos dedos.

- Perdão, bio. Você não cometeu qualquer falta. Sou o único responsável.

- *Não!!! Espere!!!* - implora a máquina.

Clausar detém a mão por alguns estados, como se inquirisse. Concede ao bio as últimas palavras...

- Não é lógico! Sem mim Você perde a eficiência!

Eu...

Eu... Amo?

Eu amo Você?... - balbucia o bio-computador.

Dos írios cerrados, rola uma lágrima na face inerte do geóctone... Perde-se na gosma de bícolas moribundas.

O enk arranca a esfera do circuito.

O vulto no sólio contrai-se, atingido per raio vital. Então estira-se e dá um salto para trás, espasmódico, libertador, puxado por fios invisíveis. Flexiona a poltrona em toda a extensão. Esta rebate e projeta o enk sobre o painel de controle.

Devagar, o corpo resvala. Desliza ao chão, em meio à mistura de restos gelatinosos e plântulas vivas. Sim, vivas, reais, verdadeiras! Clausar conseguiu criá-las desde as coordenadas cōnscias, a partir de Géó. Assim, pertencem ao mundo físico em todos os planos de mens, géa e matéria.

O enk fica ali caído por alguns trintados. Vai reanimando, espreguiçando, e põe-se de pé. Observa as esferas panfrontais, os glóbulos retro-panorâmicos. Olha o globo superior, de azimute, e o bulbo sob o piso *transradiante*. Estão intactos... e vazios. Não há mais a aura PSID donde vazava suavíssima géa: desejo e gozo, repulsa e horror... Aquela subliminar amostra do oculto poder... Não se sustenta mais a Géa pronta a detonar Áudio, Géon e todas as sensações da Realidade Supravirtual!

- Agora, só há a dura realidade absoluta. Sim, absoluta. Existe. Haja ou não um arrogante enk para observá-la. Este - e os não menos altivos humanos - são capazes de captar-lhe apenas ínfima parte da verdadeira face. Às vezes lutam: uns a vêem negra; outros, branca. Não percebem: vai da quase ausência da cor à plenitude. E possui muitas invisíveis frequências além. - assim filosofa Clausar, enquanto adquire ciência da situação da nave, dos comandos manuais e da posição da *Laranja*.

Um ritmógeno autônomo marca apenas algumas nônadas a mais, desde a saída do casulo. Tudo ocorreu durante o mesmo período gasto por Gia e Rá, os verdadeiros, nas compras.

- Gia! Rá! - e Clausar entrevê a imagem dos dois sob a foice áspera, denteada e rombuda de Oég, a Morte!

O enk voa para os controles manuais e olha pelos anéis de enerfrátax: a *Laranja* paira sobre o oceano. As nuvens do hurakylôn derrotado ainda se esgarçam e turbilhonam, embora não possuam mais a géa unificadora, o Ky vorticoso. O perigo não mais sobrestá no céu.

Clausar aciona com pés e mãos os controles abrangíveis e leva a *Laranja*, sem o quase indispensável auxílio do bio, aos trancos e barrancos pela atmosfera, em direção a Rio de Luminância.

Resto do furacão, violenta rajada de vento atinge a Nau de Géon e não é compensada pela indispensável computação. Como resultado, o anel superior é expulso para longe e não se regenera. Só a corona inferior fica; sozinha, dificilmente é capaz de estabilizar a ritmonave sem o processamento matemático do bio. Com a *Laranja* inclinada, a queda vertiginosa termina por estrepitoso mergulho nas ondas revoltas, até uns cem trezêmbilhos de profundidade.

Clausar não tem ritmo para medos e sustos: diante dos írios, só vê a lembrança vívida de Gia e Rá.

O geóctone calcula em pequena abaxmática a condutância da líquua, logra restabelecer os dois iônulos e faz a *Laranja* de submarino até beirar a praia, já próxima no estato da queda. É difícil elevar a ritmonave das águas para o ar sem auxílio do bio; Clausar dá-lhe impulso violento, aproveita a profundidade da baía e projeta-a para fora do mar.

Estataneamente, o enk reajusta os anéis para a admitância do ar e consegue deter a nova queda - não sem antes deslizar sobre as ondas num colchão de vapor, chiado e fervura. Em seguida, progride até ganhar de novo altitude e ter a imagem querida do Seio de Géa no enerfrátax superior, bem no eixo -z!

Clausar sobrevoa a magnífica enseada entre o monólito de quatrocentos trezêmbilhos e seus contrafortes. É a Praia do Árion, onde conheceu Gia.

Vai lentamente, sem refrator, ante os írios e dedos apontados dos banhistas. Qual bailarina cambaleante, a ritmonave é levada em direção *Norôndium*. Segue para o desmesurado edifício, onde o Ky de Clausar desesperadamente anseia por encontrar Gia e Rá.

A 336 *Laranja 1509-A* ainda está ultrapassando o Seio de Géa, a quinhentos trezêmbilhos de altitude, quando o enk obtém ligar o refrator - e a conseqüente obnubilação também. Apesar de mais esse empecilho, não poderia estacionar a nave no edifício sem o recurso da invisibilidade, pois em poucos trintados até as mais altas patentes das forças armadas de Teruz estariam por lá!

Os reatores põem-se a produzir batimento ruidoso: nenhum está *sinrítmico*. Meio surdo e tonto, Clausar é todo mãos, pés, cotovelos, boca; tudo, a controlar quase tudo.

A imagem do desmesurado edifício aproxima-se lentamente, vacilando no enerfrátax inferior. O enk aguça os írios; no entanto, quase nada distingue.

Aos poucos, delineia-se o quadro horrendo!...

Nodosa vigota chumbada na parede do prédio sustenta pelo meio uma tábua cascalhenta. Nas pontas desse funambulesco andaime, agarram-se a gangorrarem Gia e Rá, tentando reduzir o balanço para não desestabilizarem o frágil sistema e precipitarem a queda iminente.

Na vazia manhã de branco, não há lá embaixo os indefectíveis espectadores embasbacados, loucos por presenciarem catástrofes, dedos apontados em riste à cena, acenando o caminho à Morte.

- GÍÍÍÍÁ!!!! RÁÁÁÁÁ!!!! Meu Géó! Estão vivos!!! - Ninguém escuta as exclamações do enk. Em resposta, a *Laranja* oscila como a tábua, pendula e quase deriva em mortal *folha seca*.

- Não! Não caiam! Segurem-se!!! - vai Clausar gritando; e os gritos morrem, perseguidos pelas sombras dentro da nave, levada feito pião bamboleante até dez trezêmbilhos do andaime.

Rá é o primeiro a avistar a turbulência do refrator mal ajustado, névoa ondeando no ar.

- Mãe! É o pai! Veio nos salvar!!! - e exora, à névoa:

- Pááááááái! Aquííííííí!

- Filho! Não se mexa, ou caímos os dois! Confie em seu pai! Ele consegue! - exorta Gia, enquanto Clausar aproxima-se o máximo. Mais perto não pode chegar; e, mesmo desligando o

iônelo de cima, não há meios de oferecer a beira circular da *Laranja* a Gia e Rá, para nela se arrojem: o espaço limitado faria o iônelo restante afastar a Nau da parede do prédio.

Clausar abre uma janela setorial na calota diafragmática superior; ao mesmo ritmo, elimina-lhe o iônelo e equilibra a nave só com o fluxo inferior do Ionomag. O zumbido do ar e as frequências a flutuarem aleatoriamente chamariam a atenção; por felicidade, não há observadores indiscretos: todos festejam na praia, pois se o hurakylôn assustou alguns, a maioria encontrou na “perda de géa” do fenômeno mais um motivo para celebração.

O geóctone interrompe o campo súpero do refrator; finalmente, Gia e Rá distinguem-no galgar a orla da calota, pôr-se de pé sobre o reatâncio, bracejar e bramir, lá da *Laranja* oscilante:

- Não se movam! Não falem! - e o enk observa os írios da kena e do enkinho. Clausar não pode pular para o meio da tábua e dali tentar livrar os dois: com o impacto seco, a vigota de suporte certamente quebraria. Deve escolher uma das extremidades flexíveis da gangorra, para amortecer o choque. Então, dá conta da situação por inteiro e vê só uma saída: morrer com o filho querido, cumprindo a promessa espontânea, feita a Gia no sofá...

Com nobreza, Clausar esconde a intenção. É embalde: Gia é como Beldite: sabe interpretar-lhe o complemento oculto da frase nos írios, quando exclamam: “- Rá e eu te resgataremos! Vou atirar-me aonde ele está! Tua ponta subirá, e alcançarás a beira do casulo.” - e Clausar volta-se ao enkinho para invocá-lo:

- Rá! Sê Enk, meu filho! Vou saltar aí!

- Não! Nunca! Os dois cairão! - brada a kena - Prefiro morreremos os três! Em vez disso, salta para cá! Peço-te! do fundo do Ky! em nome de Géó! - e seus olhos pronunciam: - Meu beldo!

Tomando a decisão mais dura de sua longa vida, Clausar joga-se e prende à amada. Sob o impulso, a tábua range, flecte qual asas de gaivota, e a ponta de Rá vagarosamente se eleva.

Sobraçando-se, Clausar e Gia observam delirantes o filho subir para a segurança, até lhe verem os dedinhos brancos tateando a beirada do casulo. A *Laranja* vazia continua rodopiando na mesma altura, como se também aguardasse o desfecho.

Súbito, horripilante estalo de madeira lascada racha o Ky de Gia e Clausar. Balançando na só viga do andaime, a tábua não suporta o peso e fende no ponto de apoio.

Dois abraçados, e um coas mãozinhas para o alto; os três corpos geóctones mais ambos os pedaços da tábua partida precipitam-se no abismo voraz. Era o Destino, implacável...

Caindo, zuindo, írios nos írios, cabelos rasgando o vento, roupas farfalhando mãos de tecido endoidecido para agarrar o ar; toda uma vida de Amor e Géa reflete-se entre aqueles seres, diminutos na imensidade do despenhadeiro de concreto; e o passado da construção vislumbra-lhes; e nenhum pedreiro transparente é mais sensível ao pé da pedra para lançar a mão, a rede, a corda do pretérito e capturar o futuro abismado no vórtice do instante.

Enquanto o espaço sobe, Clausar e Gia estendem os braços para retardarem-se, alcançam os tornozelos de Rá, puxam o enkinho a si e cingem-se, firmes como o triângulo. No último alento, por fim reunidos, pronunciam o nome de Géó e conseguem sorrir, no êxtase dos estatos finais.

Entre dois relâmpagos alaranjados, desce mais rápida a ritmonave, a descrever perfeita *semiparábola*, até quase arranhar

o solo, lá embaixo. Bem sob os três, sobe em vertical e cria amplo colchão de ar, para evitar atirá-los contra a parede. Mal os alcança, recai, com absoluta exatidão, na velocidade de Rá, Gia e Clausar.

O anel iônico superior é desligado, e abre-se o centro do diafragma na calota. Por ele, os três geóctones penetram na sala de comando e pousam suavemente sobre o tapete cheio de plântulas.

Findado o mergulho, a *Laranja* quase esfola o chão, no derradeiro momento. Logo depois se eleva com estabilidade exemplar; melhor, se comparada ao magnífico desempenho original. A Nau de Géon acelera, com a preciosa carga, rumo ao zênite.

- Bem-vindos a bordo, Rá, Gia e Clausar! Ao seu comando, Criador!...

Os recém-renascidos nada conseguem dizer. Os írios ficam-lhes mudando rapidamente de cor, enquanto observam ao redor.

Aberto, o painel do bio exhibe os circuitos. Clausar vê entre eles a reluzente esférula experimental de ondas Psico-Dimensionais: radia géon leitoso, presa entre as delicadas garras translúcidas do terminal definitivo na placa de bióticos... É a mais compacta e ativa jamais produzida...

- Bio! Estava desligado! Não poderia conectar-se sozinho sem a esfera mãe instalada! - diz Clausar, mal saído do espanto.

- Não fui eu, Enk.

- Então quem foi?

- Não fui eu, Enk. Não sei quem foi.

O perplexíssimo Clausar cai em si e exclama:

- Gia!!! Rá!!!

- Clausar, meu belo!!!

- Pai!!!

Soluçando, os três se enlaçam apertado, enquanto, per conta própria, o bio faz soar Mens sobre Rótron; não só para dentro da sala de comando, como pelos reluzentes iônolos alaranjados. Em graves tácteis, leva aos ares de Rio de Luminância a música de Sérias por todos os recantos da Cidade Prodigiosa, sem incomodar-se com refrator e mimetismo, a tecer arcos de géon colorido no céu...

Espiralando, da *Laranja* escapa e rodopia ao espaço luminoso cordão de sutil fragrância: sai despercebido de todos, inclusive do bio. Retorna a um Ser de Luz...

Satisfeito, qual num levantar e caminhar imenso, nossos olhos veriam-no rasgar o abismo, o ritmo, e saltar para além das distâncias, projetando-se longe no vazio, muito longe, onde talvez nem o Absoluto jamais tenha estado...